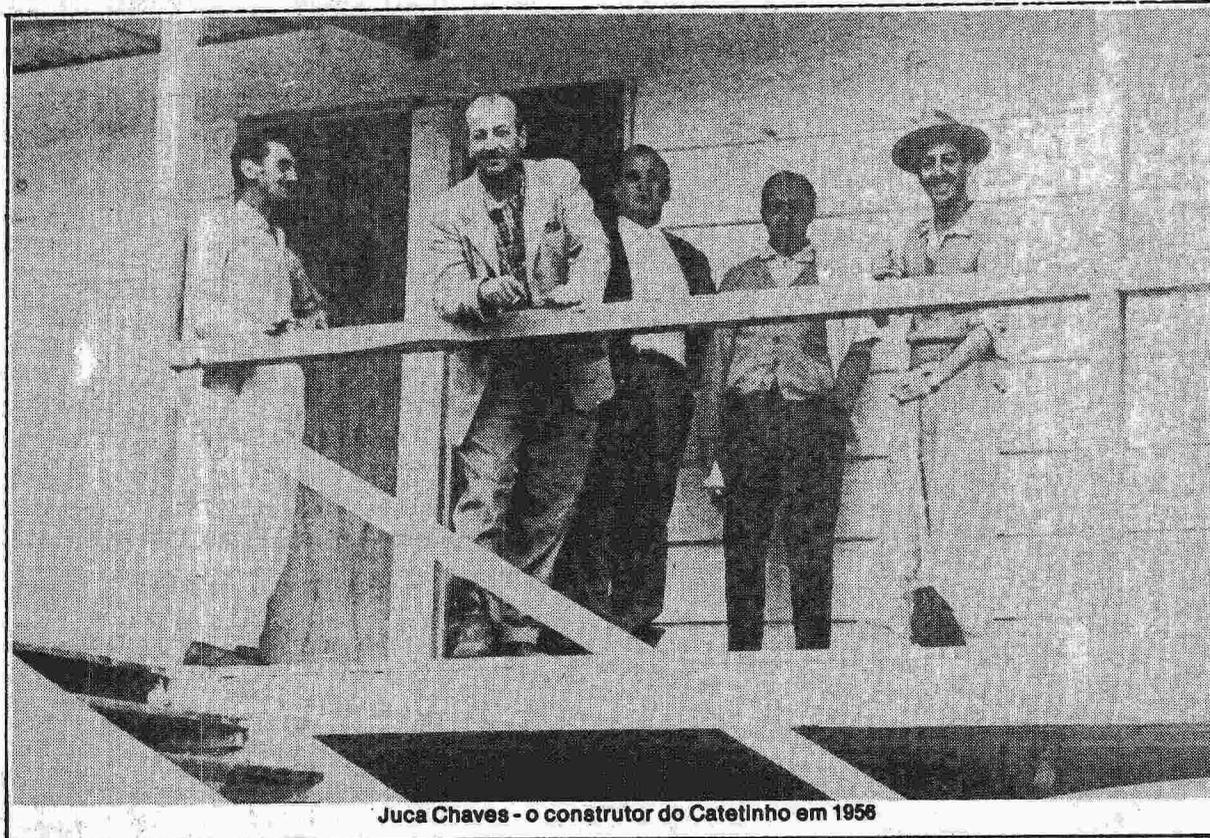




ENCONTRO COM A HISTÓRIA



Juca Chaves - o construtor do Catetinho em 1956



25 anos depois os primeiros operários que o ajudaram a construir

No Catetinho o início de Brasília

Nestes vinte e um anos de Brasília como Capital da República, o "Correio Braziliense" passou para a sua história, como o jornal que nela acreditou e investiu os esforços de mentes e corpos na documentação dessa mesma história.

Nesta edição comemorativa, apresentamos um conjunto de depoimentos que, certamente, passará a ser ponto referencial de quantos queiram conhecer aspectos históricos até então desconhecidos.

Num trabalho que marcará época no jornalismo brasileiro, os repórteres Jarbas Silva Marques e Ivany Câmara Neiva reabilitaram o exercício da reportagem, como uma das peças essenciais para a edificação de uma imprensa com seu papel informativo, social, histórico e

humano.

Em quase trezentas horas, percorreram as cidades-satélites de Brasília, vasculharam pistas para encontrar os primeiros trabalhadores, empresários e administradores que edificaram Brasília.

Cercaram-se de critérios históricos - a historiadora Ofélia do Nascimento Monteiro dissipou dúvidas - e de muita responsabilidade profissional e humana, o que lhes valeu o acesso a arquivos e documentos pessoais de entrevistados e de suas famílias. Preocuparam-se até com a saúde dos entrevistados. Já que, através deles, o "Correio Braziliense" conseguiu reunir esses pioneiros em um encontro histórico.

Entraram em contato com o engenheiro José Ferreira de

Castro Chaves - Juca Chaves - que, após, dezessete anos, retornou à Brasília atendendo ao convite do "Correio Braziliense".

Nessa procura fizeram descobertas interessantes, e que, por certo, passarão para o folclore da cidade.

Foi o caso, por exemplo, de um conjunto na Ceilândia onde existe uma rua habitada somente por moradores de nome "Joaquim".

De par com aspectos pitorescos, levantaram através do depoimentos, aspectos totalmente desconhecidos, como foi o do ato de heroísmo de Sebastião Calazans - considerado por Juca Chaves como o primeiro ato de heroísmo na construção de Brasília.

Desses relatos verdadeiros e

perfeitamente, comprováveis em suas afirmações, ficam a partir de agora, aclarados aspectos até então obscuros como o caso da construção do Catetinho, em que se julgava que Juscelino Kubitschek não soubesse de sua construção.

Locais que hoje são povoados por pés, corpos e argamassa, foram palcos das andanças "de rebanhos de emas" no dizer de Pedro Alves - o homem que embebedou a onça -.

De todos os depoimentos colhidos sobressaiu a figura de Bernardo Sayão. Desde 1947 - no depoimento de Guiomar Câmara - até a sua morte perto da cidade goiana de Gurupi, sua presença foi uma constante. Em todos os depoimentos, de religiosos, administradores e operários - a opinião foi unânime

em relação à sua capacidade de trabalho, abnegação e desprendimento.

Houveram, também, protestos contra a falta de critérios na preservação da história da construção e dos construtores de Brasília. Basta que se atente para o depoimento do engenheiro José Ferreira de Castro Chaves, e veremos que nada foi feito pela preservação da memória técnica de Brasília, e de sua contribuição avanço da engenharia e da arquitetura brasileiras.

Que o depoimento de Juca Chaves ao "Correio Braziliense" sirva de alerta aos engenheiros e suas entidades sindicais e profissionais para que, o quanto antes, se registre a memória técnica de Brasília, antes que se perca.

Quando na tarde do 11 de

abril de 1981, Sebastião Calazans colocou Juca Chaves, Luciano Pereira e Inazil Machado em sua velha e combalida Variant com destino à Ceilândia, onde moram, nosso jornal foi o agente para que esse encontro se desse.

Como que por ironia, a perua de "Tião da Onça" não conseguia fazer mais do que 40 quilômetros horários, portanto, a mesma velocidade do jeep de Agostinho Montandon ao recebê-los no Aeroporto de Luziânia a 25 anos atrás.

Esses depoimentos sérios - pelo seu caráter - e alegres - pelo conteúdo humano que encerram, são o presente do "Correio Braziliense" a Brasília nesses seus vinte e um anos de vida, esperança e progresso dados ao Brasil.